

SEMINÁRIO INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE E DEMOCRACIA PARA O PROJETO MATO GROSSO SUSTENTÁVEL E DEMOCRÁTICO

RELATÓRIO

Apresentando

No dia nove de novembro de 2005 foi realizado, no auditório da Faculdade de Medicina Veterinária, FAMEV, da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, o Seminário para Elaboração de Indicadores de Sustentabilidade e Democracia do projeto Mato Grosso Sustentável e Democrático, MTSD. O projeto MTSD tem, entre outros objetivos, qualificar a intervenção dessas entidades junto à sociedade e às políticas públicas; formar militantes da sustentabilidade; propor alternativas e aumentar o grau de consciência da sociedade sobre desenvolvimento sustentável.

Atualmente o MTSD é coordenado pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, e Fórum Mato-grossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento, FORMAD. O Fórum foi criado em 1992 tem como objetivos articular as diversas entidades, discutir e realizar ações coletivas, públicas e privadas que impliquem riscos ao meio ambiente e à vida humana e propor alternativas de desenvolvimento sustentável para o estado de MT. O Seminário foi promovido pelo FORMAD e Diretoria de Educação Ambiental do Ministério do meio Ambiente, MMA.

Este seminário objetivou produzir subsídios e indicativos de sustentabilidade e democracia, capazes de serem referenciais para produção de análises setoriais no Projeto MTSD e interface com Programa de Educação Ambiental da DEA/MMA.

No Início

Na intenção de regionalizar o projeto Brasil Sustentável e Democrático, que vem concentrando esforços desde 1996, através de um conjunto de organizações, foi realizado o seminário "Brasil e Mato Grosso Sustentáveis e Democráticos, em setembro de 2002. O evento foi promovido pelo projeto Brasil Sustentável e Democrático, ABONG-CO, GERA/UFMT; Mestrado de Agricultura Tropical/UFMT, UNEMAT e UNIVAG. O Projeto Mato Grosso Sustentável e Democrático teve sua primeira atividade em cinco de maio de 2003 para definição de objetivos, metodologia e da matriz analítica.

O MTSD foi composto por entidades da sociedade civil organizada que foram divididas em 10 GTs: Terras Indígenas e Unidades de Conservação, Agricultura, Cidades, Educação, Turismo, Mineração, Agroindústria, Infra-estrutura e Recursos Hídricos. Cada um desses grupos, a partir do primeiro seminário, elaboraria dados de fontes secundárias com o objetivo de elaborar uma análise de sustentabilidade e democracia para o estado. Foram convidadas pessoas de entidades que fizessem um conjunto de elaborações para matrizes analíticas para produção de textos e

elaboração de propostas sustentáveis e democráticas. “Atualmente vemos muitas pessoas no MTSD que não estavam no início do processo, isso demonstra renovação, mas também é uma dificuldade de manter as pessoas, que começaram o projeto, animadas e produzindo dados de compreensão da realidade atual”, diz Vicente Puhl.

O Seminário

O Seminário para Elaboração de Indicadores de Sustentabilidade e Democracia do projeto Mato Grosso Sustentável e Democrático foi aberto por **Vicente Puhl**, coordenador geral do FORMAD. “Esse seminário é o fechamento de um ciclo de trabalho do projeto, MTSD, e ao mesmo tempo é o processo inicial que resultará na publicação do primeiro caderno do projeto MTSD, que iniciou em 2003, quando fizemos o primeiro seminário chamado Brasil e Mato Grosso Sustentáveis e Democráticos”.

O Seminário para Elaboração de Indicadores de Sustentabilidade e Democracia do projeto Mato Grosso Sustentável e Democrático é uma parceria com a Diretoria de Educação Ambiental, DEA, do Ministério do meio Ambiente, MMA. Essa produção se aplica ao que a DEA quer para usar como referencial para seu trabalho. Após a fala de abertura de Vicente Puhl a mesa foi composta por Heitor Queiroz de Medeiros, da DEA do MMA; Rodrigo Aleixo, professor de Agronomia da Universidade Federal de Mato Grosso; e Jean Pierre Leroy, coordenador do projeto Brasil Sustentável e Democrático.

Heitor Medeiros

A DEA quer fortalecer a articulação com o FORMAD, partindo do princípio de que o Fórum é reconhecido como parceiro. A proposta da DEA, na atuação do Programa de Formação em Educação Ambiental no Pantanal, ProFEAP foi realizar o seminário de forma articulada com a Rede Matogrossense de Educadores Ambientais, REMTEA. A Diretoria de Educação Ambiental já desenvolve um programa de educação para o Pantanal com recursos do Programa Pantanal. Quatro núcleos foram estruturados na Bacia do Alto Paraguai, com sedes em Cuiabá, Rondonópolis, Cáceres e em Tangará. “O programa de Educação Ambiental parte da lógica da educação continuada para fugir da lógica de Educação Ambiental existente. O PEA tem que ter a possibilidade de ser um processo permanente com a possibilidade de continuidade e que estabilizem sua própria sustentabilidade. Queremos uma educação ambiental que privilegie as lideranças comunitárias que já tenham alguma experiência ou que estão com interesse de atuar na área de educação ambiental.”

Nos núcleos de formação de Cáceres e de Tangará existem diversas instituições com a UNEMAT que estão trabalhando no diagnóstico das riquezas que existem na comunidade, desde experiências científicas até as das comunidades tradicionais. O cursista observa a diversidade que temos a oferecer e escolhe como quer montar seu cardápio. “Nós tanto teremos os graduandos no processo de formação com professores universitários como teremos com autodidatas. Não é difícil, mas poucas universidades

entendem a proposta. Aqui tivemos uma boa aceitação da proposta por parte da UFMT e da UNEMAT”.

Cada cursista terá como carga horária o retorno às comunidades e o repasse do conteúdo pedagógico. “Não nos interessa fazer uma capacitação com 100 pessoas em Cuiabá, queremos que esse trabalho de extensão faça parte da formação. Com isso, ao invés de formarmos 100 formaremos duas mil pessoas chegando aos educadores populares.”

O FORMAD oferecerá um “cardápio” com horas presenciais e estudo à distância. O MTSD terá uma articulação com esse programa de formação que irá além da oferta de um cardápio. A DEA fará uma parceria com o FORMAD para o fortalecimento da instituição e do MTSD. A busca dessa parceria se deve pelo reconhecimento da importância da articulação do FORMAD.

Rodrigo Aleixo

Para Rodrigo Aleixo, faltam, na comunidade acadêmica, teorias de sustentabilidade e modelos teóricos e conceituais para trabalhar com sustentabilidade. A Faculdade de Agronomia da UFMT vem se dedicando, há quatro anos, aos modelos conceituais de sistemas agrícolas para depois abordar a questão da sustentabilidade. Atualmente a Faculdade está mais próxima da lógica de sistemas agrícolas do que dos indicadores de sustentabilidade de sistemas agrícolas.

O desenvolvimento sustentável como bandeira política deve ser usada pelas entidades porque não existe hoje quem afirme ser contra ele. Mesmo quem não busca a sustentabilidade não se atreve a dizer que não se importa. A igualdade de oportunidades, em todos os sentidos, deve ser a busca, pois a ponte entre a sustentabilidade e a democracia é o desafio. “Não encontro uma relação direta entre sustentabilidade e democracia e digo isso porque na República Dominicana desenvolveu muito a legislação ambiental nas décadas de 40 e 50 sob uma ditadura ferrenha. Não podemos cair nessa armadilha de que a idéia de sustentabilidade, que é vaga, proteja a idéia de democracia que é bem sabida” diz Aleixo.

O conceito de sustentabilidade é muito superficial e tem muitas dimensões, a ambiental, a ética, econômica, cultural, a religiosa e não temos modelo pra dizer como deve ser aplicado sem atropelar nosso conceito de democracia. Isso significa deparar a democracia, que é um conceito antigo, com uma nova possibilidade da modernidade que é o fim dos recursos. Mas qual é a temporalidade desse fim?

Jean Pierre Leroy

O trabalho do projeto Brasil Sustentável e Democrático começou em 1996, mas isso não significa que temos nove anos de produções. Como outros trabalhos articulados também tem seus altos e baixos. Mas o que queremos com esses conceitos de sustentabilidade e democracia? O que queremos são ações e intervenções políticas.

Sendo assim, temos uma base técnica mas a finalidade não é produzir belos textos de pesquisa porque para o rigor científico é preciso

tempo. Não dá para ir para a luta política e social sem ter uma fundamentação, embora trabalhem com hipóteses. Temos que ter solidez e por isso é importante o diálogo com a academia. Mas não faltam teóricos que dizem que determinado impacto é seguro, que a natureza faz compensações. Isso nos leva a questionar com quem devemos trabalhar os indicadores?

Historicamente os indicadores foram definidos por economistas. Tanto que o Produto Interno Bruto, PIB é um indicador estritamente econômico, o Índice de Desenvolvimento Humano, IDH, considera escolas, postos de saúde, estrutura relacionadas à qualidade de vida, mas ainda está relacionado ao valor econômico. O indicador é problemático porque trabalha pela média. Simplifica o complexo de tal forma que impede chegar a alguma conclusão porque não permite considerar as diferenças.

Mais recentemente o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNUD, tentou incorporar indicadores ambientais. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, incorporou uma série de indicadores de sustentabilidade a partir de seus estudos realizados por ecólogos. José Eli da Veiga, professor da Universidade de São Paulo, USP, escreveu um livro sobre desenvolvimento sustentável em que ele passa em revista todos os indicadores que foram se constituindo e foram se aproximando de indicadores ambientais. A conclusão que tirei é que ele ignora os problemas sociais e trata de um mundo abstrato. A reflexão dele vale para qualquer lugar ignorando as dinâmicas sociais.

Não é sustentável uma sociedade em que os produtos estão a centenas de quilômetros de distância. Concentração urbana também é um critério que poderia ser adotado. Outro que acho de grande importância é entrevistar os jovens e crianças de uma comunidade e perguntar em que querem trabalhar. Se a resposta da maioria dos jovens for "seguir a atividade dos pais" então podemos dizer que essa é uma atividade sustentável.

Finalizações

O seminário objetivou elaborar indicadores de sustentabilidade e democracia para o projeto MTSD destinando-se à redação do caderno que será a primeira publicação do projeto. Os presentes ao seminário montaram grupos de discussão em que avaliaram a matriz analítica proposta inicialmente pelo MTSD e preparam modificações na busca de pontos em comum entre os dez GTs, alguns dos deles já possuem dados para análise.

As discussões nos GTs e a fala dos convidados trouxeram mais perguntas ao processo de elaboração de indicadores, que não se encerra com o seminário e a publicação do caderno do MTSD. A sustentabilidade é o processo pelo qual as sociedades administram as condições materiais para sua reprodução, redefinindo os princípios éticos e sóciopolíticos que orientam a distribuição de seus recursos ambientais. Portanto não há uma sustentabilidade no horizonte, o único meio de nos aproximarmos dela é considerarmos um processo. É por isso que a democracia está no centro, porque o processo é ação social. Sustentabilidade como construção só é possível num processo democrático.